



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

JOSEMAR MEDEIROS DA SILVA

**PERCEPÇÕES SOBRE A ABORDAGEM DE GÊNERO NO
ENSINO MÉDIO INOVADOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
DA ESCOLA ESTADUAL PROF^a LILIOSA DE PAIVA LEITE**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

JOSEMAR MEDEIROS DA SILVA

**PERCEPÇÕES SOBRE A ABORDAGEM DE GÊNERO
NO ENSINO MÉDIO INOVADOR: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO DA ESCOLA ESTADUAL PROF^a
LILIOSA DE PAIVA LEITE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Verônica Pessoa da Silva

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Josemar Medeiros da
Percepções sobre a abordagem de gênero no ensino médio inovador: um estudo exploratório da escola estadual Profa. Lúcia de Paiva Leite [manuscrito] ; / Josemar Medeiros da Silva. - 2014.
58 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

Orientação: Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva, Departamento de Pós-Graduação".

1. Educação. 2. Ensino Médio. 3. Relações de Gênero. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

JOSEMAR MEDEIROS DA SILVA

**PERCEPÇÕES SOBRE A ABORDAGEM DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO
INOVADOR: UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA ESTADUAL PROFª LILIOSA
DE PAIVA LEITE**

Aprovada em 14 de Junho de 2014.

Verônica Pessoa da Silva

Professora Dra. Verônica Pessoa da Silva / UEPB
(Orientadora)

Rosilene Agapito da Silva LLarena

Professora Ms. Rosilene Agapito da Silva LLarena /UEPB
(Examinadora)

Régina Celly N de Silva

Professora Ms. Régina Celly Nogueira da Silva /UEPB
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

À Deus, Pai todo Poderoso Criador do céu e da Terra, à minha mãe Laudice, base da minha existência e meu alicerce, à minha tia Lindacy, uma segunda mãe na minha vida e em especial a minha avó materna, Gercina(in memorian), que nos deixou durante o desenvolvimento e construção deste estudo, DEDICO

AGRADECIMENTOS

Quando paro e reflito no caminho que percorri durante este período de estudo, conscientizo-me que muitas pessoas fizeram parte, direta ou indiretamente, nessa minha caminhada. Mas, com um carinho especial quero agradecer:

Primeiramente a Deus, pela oportunidade, força e iluminação em todo o trajeto percorrido nesta conquista;

À minha mãe, pela paciência em me ouvir, pelo amor incondicional e ajuda constante sempre que precisei. Além de seu estímulo, demonstrando seu orgulho a cada passo dado nesta jornada;

À Professora Doutora Verônica Pessoa, da Universidade Estadual da Paraíba, que contribuiu diretamente para meu aprendizado, aprimoramento intelectual e bem-estar na Instituição, estando de prontidão nos momentos que precisei de seu auxílio e direcionamento com especial presteza e prontidão em seus serviços.

A todos os colegas de turma, principalmente a minha amiga Josilda França, pelos momentos de partilha e companheirismo que contribuíram para que estreitássemos nosso laço de amizade.

RESUMO

Em consonância com a proposta do Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI e a relevância de se trabalhar os temas transversais na comunidade escolar, este estudo tem por finalidade compreender, a partir dos estudos sobre gênero de Helleieth Saffioti e educação, mediando um diálogo entre Émile Durkheim e Paulo Freire; as relações de gênero vivenciadas no contexto escolar, destacando as configurações que esta apresenta, buscando em Norbert Elias apoio. Delimitamos como campo de pesquisa a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Lílisa de Paiva Leite, situada no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa, a qual desde abril de 2012 adotou o ensino integral, ProEMI, no seu currículo escolar. Refletimos sobre as concepções teóricas que permeia o discurso do gênero e sua aplicabilidade no ambiente escolar, sobretudo, no Programa do Ensino Médio Inovador – ProEMI, analisando o caráter inovador que este apresenta. Metodologicamente, assumimos abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso, acrescido da pesquisa documental e bibliográfica. Na construção do objeto dialogamos, teoricamente, com: os sociólogos Émile Durkheim (1965), Norbert Elias (1997) e Helleieth Saffioti (1987); e também com as contribuições de Paulo Freire (1969), nas discussões sobre a Educação Popular. Os resultados refletem a realidade da sociedade atual, evidenciando que embora haja uma tomada de consciência em relação à perspectiva e ao estudo de gênero, muito ainda se precisa avançar na construção de novos paradigmas que permitam rupturas com comportamentos e linguagens preconceituosos e sexistas.

Palavras-chave: Ensino Médio. Relações de Gênero. Educação Popular.

ABSTRACT

In line with the proposal of Innovative High School Program - and promi relevance of working across the curriculum in the school community, this study aims to understand, from the studies on gender and education of Helleieth Saffioti, mediating a dialogue between Émile Durkheim and Paulo Freire; the gender relations experienced in the school context, highlighting the settings of this one, seeking support for Norbert Elias. We defined as a research field the State High School Teacher Lílissa de Paiva Leite, located in the neighborhood of Christ the Redeemer in Joao Pessoa, which since April 2012 has adopted the comprehensive education, promi, in their school curriculum. Reflect on the theoretical conceptions that permeates the discourse of gender and its applicability in school environment, especially in the High School Innovator Program - promi, analyzing the innovative character that this presents. Methodologically, we take a qualitative approach through the case study, plus the documentary and bibliographic research. In constructing the object dialogued theoretically with: Durkheim sociologists Émile (1965), Norbert Elias (1997) and Helleieth Saffioti (1987); and with the contributions of Paulo Freire (1969), in discussions of Popular Education. The results reflect the reality of today's society, showing that although there is an awareness in relation to perspective and the study of gender, much still needs to advance in the construction of new paradigms that allow disruptions to behavior and bigoted and sexist language.

KEYWORDS: High School. Gender Relations. Popular Education

LISTAS DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1 – Quadro funcional da escola.....	22
QUADRO 2 – Macrocampos.....	34
QUADRO 3 – Representação do I do Inovador.....	41
QUADRO 4 – Quadro funcional dos professores por área.....	44
GRÁFICO 1 – Acompanhamento dos questionários aplicado com os docentes.....	44
GRÁFICO 2 – Amostragem dos docentes com Especialização e/ou Mestrado.....	46
GRÁFICO 3 – Aulas sobre relações de gênero.....	50

LISTAS DE MAPAS

Figura 01 – Mapa de localização da escola.....	20
---	-----------

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIações

CNE – Conselho Nacional de Ensino

CEB – Conselho da Educação Básica

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

LGBT¹ – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

OCNS – Orientadores Curriculares Nacionais

ONU – Organização das Nações Unidas

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PPP – Projeto Político-Pedagógico

PRC – Projeto de Redesenho Escolar

ProEMI – Programa de Ensino Médio Inovador

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

¹ Na atualidade as discussões assumem a sigla, LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	19
2.1 Conhecendo o campo de pesquisa	19
2.2 A Importância da Função do Docente e da Abordagem de Gênero na Escola	23
3 ABORDAGEM DE GÊNERO NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO	30
4 O ENSINO MÉDIO INOVADOR: UMA ESCOLA MAIS MODERNA, ACOLHEDORA E CRIATIVA?	36
5 A ABORDAGEM DE GÊNERO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA LILIOSA DE PAIVA	43
5.1 Análise do Questionário	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	59

1 INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como principal objetivo analisar a contribuição da proposta do Programa Ensino Médio Inovador – ProEMI para a construção de práticas educativas pautadas em relações de equidade de gênero, no âmbito da EEEM Prof. Lílíosa de Paiva Leite.

Surge a partir da observação e da vivência escolar instituída no ano de 2013 na Escola Estadual Prof^a Lílíosa de Paiva Leite, na qual a temática voltada à questão de gênero recebeu mais tonalidades. No entanto, apesar disto, transparece existir, ainda, o cinza que dá cor ao preconceito e reforça discriminações presentes nas relações sociais. Deste modo, este estudo exploratório busca destacar três problemas recentes: 1) A perspectiva de ensino frente à representação do poder entre homem e mulher, em especial, no modelo de escola proposto pelo ProEMI; 2) As possibilidades e os efeitos da educação sobre a identidade e as relações sociais; 3) A construção da configuração e a construção do ideal utópico social.

No intuito de apreender essas três dimensões problematizadas, optamos por relacioná-las a reflexões em torno do estudo sobre gênero, visto que este momento se caracteriza como um marco paradigmático na história do Brasil, na qual a ascensão do poder feminino e o chauvinismo masculino colaboram para a permanência da cultura histórica da sociedade brasileira.

A importância social dessa pesquisa se revela, sobretudo, por trabalhar, a partir da escola, considerando que:

(...) as relações de gênero que se estabelecem em instâncias sociais distintas e analisar o discurso sobre gênero elaborado por diferentes representações culturais, na perspectiva de contribuir para a construção de novas relações de gênero pautadas na igualdade de oportunidades, no cumprimento aos direitos humanos e na plena vivência da cidadania (MACHADO *et al*, 2010, p. 10).

Tem-se discutido nas últimas décadas os conceitos deturpados de gênero, que por muito tempo vem se constituindo em a base para construção da sociedade brasileira. Assim, concordando com Saffioti (1987),

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com basta precisão, os campos em que *pode*² operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 08).

Deste modo, longe de ser um processo natural como muitos apregoam, o conceito de gênero é originário das próprias relações sociais, como o citado nos livros gilbertianos de Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos, nos quais a sociedade era extremante patriarcal e o poder de decisão era dos homens. A proposta desta monografia é trazer a reflexão e trabalhar as relações de gênero, a partir da concepção dos temas transversais sugerido, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs. Entretanto, consideramos importante ressaltar que não é nossa intenção trabalhar na perspectiva de privilegiar um gênero em detrimento do outro, pelo contrário, buscamos compreender como as configurações engendradas pelas relações sociais e o ensino contribui para o processo de construção de culturas identitárias. Dessa forma, concordamos com Foucault (1986), ao relatar a

² Grifos da autora.

necessidade de converter o olhar para as atitudes, de modo que se reconheça e considere-se em si mesmo.

O sociólogo alemão Norbert Elias (1897 – 1990) chama a atenção para o fato de distanciarmos indivíduo e sociedade, esquecendo-nos que a sociedade é a soma dos indivíduos, culminando em uma unidade social em determinadas instituições. Sendo assim, acreditando que a escola é a segunda instituição social que o indivíduo conhece e convive e que esta deve estar a serviço da felicidade e do bem-estar social de todos os envolvidos, debruçar sobre o conceito de configuração desenvolvido por este autor é um dos pilares deste projeto.

Nessa possibilidade, podemos nos reportar ao estranhamento da veracidade de certos discursos, pois a sociedade foi constituída em cima de doutrinas cujos determinados comportamentos eram aceitos porque pareciam fazer parte das leis da natureza, ou pelo menos, eram apresentados assim. Mas, é importante destacar que, diferentemente do sexo, que é dado pela natureza, o gênero é constituído pela sociedade, não possuindo, deste modo, o mesmo significado. Nesta perspectiva, podemos citar a célebre frase de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher” (BEAUVOUR, 1980, p. 9). E parafrase-à-la dizendo que: ninguém nasce homem, torna-se homem, pois é na sociedade que se aprende a ser homem ou ser mulher, não devendo existir sobreposição de um em detrimento do outro.

Nessa perspectiva, adentraremos no segundo pilar que sustenta este estudo exploratório. No entanto, temos a consciência de que essa articulação se faz conflitualmente, pois dialogar com teorias distintas torna nossa perspectiva de análise ainda mais complexa. Todavia, se bem articulado, torna-se terra fértil. A

opção em abordar Émile Durkheim (1955) se deu pelo fato de que as narrativas são relacionadas pela força que as gerações adultas exercem sobre as gerações novas.

Este recorte embasado em Durkheim torna-se importante na medida em que a educação possui uma variação constante e há, em sua essência, a possibilidade de subordinar o indivíduo à coletividade, tornando-o como uma “coisa” da sociedade. Basta observar os avanços que a mulher vem atingindo e o modo que esta educa seus filhos; a própria mulher, por seu instinto materno, de proteção, tem passado para sua prole noções que elas tiveram na sua infância pelos seus pais. Ainda é comum ver a mulher do Séc. XXI ensinar modos de comportamentos diferenciados entre meninos e meninas; demonstrando que mesmo lutando pelo direito de igualdade, tem passado para as novas gerações a mesma cultura que lhe foi adquirida.

No caso desse estudo, será preciso, também, considerar os sistemas educativos atuais engendrados por Paulo Freire, compará-los e apreender destes os caracteres comuns, conforme Durkheim (1955) nos instruiu, utilizando a Escola Estadual Professora Lílissa de Paiva Leite como campo de estudo, haja vista que a instituição de ensino é um lugar de interação social e de constituição de identidade; espaço que registra memória do passado assim como a “capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 2005, p.138), ou seja, um local “que organiza e contém itens do passado, voltado ao presente e que, pode pôr em questão a chegada do futuro” (DERRIDA, 2001, p. 48).

Metodologicamente, situa-se no campo da abordagem qualitativa de pesquisa. Na sua construção pretendemos, além da pesquisa bibliográfica de fundamentação teórico-metodológica, utilizar, também, a tipologia do estudo exploratório.

Entendendo que, no campo sociológico, focando o estudo em um único caso, há oportunidades de fazer observações mais detalhadas, fugindo assim, das generalizações. Outro ponto importante em utilizar o estudo exploratório, trata-se pelo fato desta pesquisa ser inicial, ou seja, não há nenhum levantamento a despeito desta temática na instituição escolhida, oportunizando desta forma, uma abertura maior, no qual seja possível explorar mais idéias e aperfeiçoar instrumentos de qualificações observacionais, possibilitando um estudo em base mais ampla.

Para tanto, realizamos um levantamento das obras que tratam das categorias relativas ao objeto de estudo, cuja leitura foi somada a outras referências adquiridas no decorrer dos componentes estudados no Curso, bem como no processo de orientação da monografia.

Assim, após o tratamento dos dados e a análise material, enfocamos o elo que aproxima o conhecimento sociológico e a educação em consonância com a noção de relação social, qual seja: o estudo de gênero. Neste intento, explicitamos as possibilidades de reflexão de representação social a partir das perspectivas individual e coletiva, bem como o conceito de configuração e a percepção do tempo e do sentido de continuidade. Estes procedimentos nos permitiram identificar as relações sociais construídas pelas vertentes em questão, permitindo estabelecer pontos de aproximação ou divergência sobre o estudo de gênero, ou seja, fomentou a compreensão de como essas reflexões contribuem para a formação das sociedades.

Por fim, delineamos o *corpus* do texto monográfico, que foi estruturado em cinco capítulos: 1) Caminhos percorridos na construção da investigação – discorrendo sobre o campo de pesquisa e destacando a importância da função do docente com o estudo de gênero na escola; 2) Abordagem de gênero nas

orientações curriculares para o Ensino Médio – apontando o que os documentos oficiais enfatizam a respeito de gênero; 3) O ensino médio inovador: uma escola mais moderna, acolhedora e criativa? Buscando por o ponto no “i” ou multiplicando os “is” do inovador 4) A abordagem de gênero na EEEM Prof^a Líliosa de Paiva Leite – tratando da abordagem feita na escola para enriquecimento deste trabalho; acrescidos das considerações finais.

Os resultados apontam para a perspectiva de que as relações de gênero devem ser construídas por meio de um esforço coletivo entre educandos, educadores e a comunidade escolar com um todo. Este estudo nos inspira a prosseguir, ciente dos desafios e complexidade que lhes são inerentes, sobretudo por considerar a insuficiência de trabalhos voltados a essa temática. Entretanto, mediante a necessidade de debruçarmo-nos no estudo das relações de gênero e, acreditando nos alcances deste trabalho; buscamos fomentar a discussão e, com isso, contribuir para a construção de realidades mais justas e igualitárias, possibilitem uma melhor integração frente às possibilidades de relação de gênero.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO:

2.1 Conhecendo o campo de pesquisa:

Conforme explicitado, nosso campo de pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Médio Prof^a Lílíosa de Paiva Leite. A referida escola foi fundada sob o Decreto de criação nº 10.138, publicado em Diário Oficial de janeiro de 1984, ato que autorizou a Resolução nº 145/86 do Conselho Estadual de Educação, com a classificação de Padrão B1, para ministrar o ensino médio³.

A mesma está localizada na Avenida Dom Bosco, s/n no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa/PB, inserida em comunidades situadas às margens do Rio Jaguaribe e próximas a Mata do Buraquinho (Bairro do Rangel), atendendo aos moradores residentes nas comunidades: Boa Esperança, Bela Vista e Novo Horizonte.

³ Extraído do acervo documental da escola.

Possui como mantenedores da instituição:

- PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE - Consiste na assistência financeira à escola e o objetivo desse recurso é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica⁵. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, de acordo com o censo escolar do ano anterior ao do repasse.
- O Programa Ensino Médio Inovador- ProEMI, foi instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. Seu objetivo é apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do Ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea⁶.

A fundamentação didático-pedagógica do Projeto Político Pedagógico - PPP da escola em vigor no ano de 2013 e com previsão de revisão em 2015, está embasada no sexto saber de Morin – ensinar a compreensão - na qual às disparidades de opiniões, que, frequentemente, ocorrem em discussões remetem-nos a mutualidade.

⁵ Extraído do acervo documental da escola.

⁶ Extraído do acervo documental da escola.

Quadro 1 – Quadro Funcional da Escola

DIREÇÃO	
NOME	FUNÇÃO
Rui Bezerra da Silva	Diretor Geral
Carlos Alberto C. da Silva	Adjunto
Maria Elizabete Souza Dias	Adjunto
Waldery Melo	Profº Articulador

Fonte: PPP da escola, 2013.

CORPO DOCENTE PROEMI		
PROFESSORES	DISCIPLINA	ESPECIALIZAÇÃO/MESTRADO
Adalberto J.B. de Oliveira	Matemática	
Antonio Luis F. Vinagre	Artes	
Ronaldo Luna	História	
Jonatas Xavier de Souza	Física	Mestre em História
José Olímpio de Oliveira Neto	Química	
Josemar Medeiros da Silva	Sociologia	Esp. Em Administração Escolar
Maria do Socorro A. Bezerra	Inglês	
Maria José de Sousa	Geografia	
Marília Dalva T. de Lima	Português	Mestre em Linguística
Suely Oliveira Pereira	Biologia	
Waldery Melo	Química	
TOTAL	11	

Fonte: PPP da Escola, 2013.

A gestão da EEEFM Profª Lílisa de Paiva Leite estrutura-se em uma educação voltada para o outro, compreendendo suas diferenças. Para tanto, a administração da escola estará fundamentada na diversidade de ideias, mas sem perder de vista que a finalidade da educação está no fato de encontrar nesta disparidade a organização da comunidade envolvida, trata-se de caminhar para construção da cidadania, acreditando que a participação de todos traz-nos a possibilidade de transformações nas estruturas do modelo educacional⁷.

⁷ Extraído do PPP 2013/2015 da escola.

Outro aspecto a se destacar, em relação ao PPP da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Lílissa de Paiva Leite, trata-se da proposta pedagógica, na qual se observa que o ato educativo não pode ser compreendido como uma tarefa descontextualizada e deslocada e, sim, como elemento basilar de um sistema educativo apoiado em pressupostos democráticos que garantam o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas baseadas nas Diretrizes Curriculares de cada Componente Curricular.

Esses pressupostos afirmam que, para um bom aproveitamento do trabalho docente a escola deve pautar-se nos princípios da alteridade⁸, percebendo que o “outro” é diferente, mas é nele que me vejo. Para que assim, perceba que a diversidade “consiste no ato reflexivo e profícuo de se compreender a diferença, afinal, o encontro de práticas culturais plurais, gera ressignificações, sem, contudo, transpor-se para o campo da discriminação. (MOLAR, 2012, p.37)”. Isto porque é na escola que essas diferenciações se sobressaem com mais evidência, sendo um dos papéis da comunidade escolar acionar a função de mediadora de conflitos e produtora de conhecimentos.

2.2 A Importância da Função do Docente no Estudo de Gênero na Escola

A escola é um espaço de aprendizado e de construção do indivíduo, deste modo, pensar em uma transformação histórico-social e/ou sócio-cultural, faz-

⁸ Do ponto de vista sociológico a alteridade é dividida em duas partes: a primeira no fato em que aquele a quem conhecemos é significativo; não no sentido de que seja importante, mas de específico, particular; a segunda traz a ideia do outro generalizado, representado por aquele a quem não conhecemos, mas nos baseamos na posição social abstrata e o papel que o acompanha. Ambas contribuem no estudo de socialização. É através da capacidade de compreender os outros, que podemos representar papéis sociais.

se necessário pensar em uma mudança de paradigma no que tange aos conceitos de papéis nas relações de gênero, torna-se necessário (des)construir para depois (re)construir o conceito de gênero, “a fim de que possamos nos tornar pessoas melhores capazes de construir novos tempos, melhores do que este, para isto urge ‘deixarmos de ser machos ou fêmeas, para sermos melhores seres humanos’(MACHADO *et al*, 2010, p. 13)”.

Sendo assim, buscamos:

(...) refletir sobre as formas que as organizações escolares arquitetam identidades, no caso, de gênero. Aqui compreende-se a escola como uma comunidade viva que reproduz, mas também tem autonomia para gerar padrões de comportamento. Dessa maneira, as situações escolares e a forma como os indivíduos a experienciam serão resultados da interação e disputas entre os vários grupos e indivíduos (...). A escola se autocontrola. (MACHADO *et al* , 2010, p. 36).

Isto porque apesar dos avanços dos debates acerca das relações de gênero, ainda prega-se em nosso cotidiano existencial os modos tradicionais de definir macho ou fêmea. Um exemplo que pode ser citado é a vestimenta de cor rosa. Nos dias atuais é comum encontrarmos homens e mulheres desfilando nas ruas com seu vestuário no tom rosa. A supremacia da disparidade rosa/menina e azul/menino não possui a mesma força que possuía décadas atrás, entretanto, ainda permanece enraizado, no seio familiar, no instinto cultural, no subconsciente dos pais. A ideia de vestir um bebê do sexo masculino de rosa é algo ainda longe da realidade. Para constatar tal afirmativa basta visitar lojas que ofertam artigos e vestimentas infantis e procurar adereços masculinos rosa.

Esta citação a cor rosa, pode transparecer singelo e irrelevante, mas é nos pequenos gestos que percebemos a construção histórico-social do indivíduo. E (re)definir o conceito de relação de gênero deve ser um dos objetivos da educação

escolar, acreditando que no futuro, o artigo 5º da Constituição Federal tenha mais sentido ao dizer que “todos são iguais perante à lei”.

Apoiando-se na Educação Popular como uma das ferramentas capazes para contribuir na (re)construção do comportamento entre as relações de gênero, acreditando que:

(...) é preciso partir de uma refundação ou ressignificação que, se apoiando nas experiências vividas, traga idéias, valores, criações capazes de se adequar às mudanças ocorridas em todos os campos da vida social – econômico, político, cultural, social, religioso, familiar, de gênero, étnico, ecológico, etc (WANDERLEY, 2010, p. 08).

E entre essas mudanças citadas por Wanderley (2010), podemos destacar as de gênero, que diretamente está envolvida com o campo político, cultural, social, religioso e familiar. Com isso, qualquer alteração que esta necessita, envolverá todos estes citados, uma tarefa difícil quando se acredita, ou pelo menos se quis acreditar, ou se deixou acreditar que um gênero se sobressai em detrimento do outro. Entretanto, para contrapor este *status quo*, delineando-se nas idéias de Paulo Freire quando relata a necessidade de superar o conhecimento preponderante, encontramos um viés que pode contribuir para alcançar uma nova realidade.

Estamos convencidos de que qualquer esforço de educação popular (...) deve ter (...) um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência realidade na qual e com a qual estão. (FREIRE, 1992, p 28 e 33).

Com isso, vislumbramos que a Educação Popular é uma das ferramentas capazes de confrontar o modelo de educação engessada, depositária; apta a servir-nos como uma válvula de escape, donde a partir da problematização, que neste

caso, limitamos ao estudo de gênero, possibilite uma nova tomada de consciência social.

Acreditar na Educação Popular como subsídio para o rompimento do paradigma da existência de um poder específico, natural, entre as relações da supremacia do falo⁹, bem observado por Helleieth Saffioti (1987) está embasado no fator histórico, haja vista, grandes transformações partiram do envolvimento popular, podendo citar: as Diretas Já, o movimento “dos cara pintadas”, e mais recentemente, o movimento em prol da redução de passagens que acordou o cidadão a cumprir sua missão e fugir da omissão.

Contribuir para o desenvolvimento do cidadão é uma das funções que o educador precisa assumir, sobretudo, nos dias atuais, na qual a sociedade exige cada vez mais do indivíduo. E, tentando encontrar um viés para significar ou ressignificar a identidade do professor diante da contemporaneidade, buscamos nos quatro pilares apresentados por Delors (1998) no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser; uma possível síntese para compreender a identidade do professor diante das transformações sociais e delimitamos apenas em uma oração: **O professor necessita ter um *CHIP* para exercer sua prática docente como MESTRE.**

Quando falamos na utilidade de um *CHIP*, a princípio, nos remete a ideia de armazenamento de dados, mas desconstruindo a palavra *CHIP* no intuito de compreender qual deve ser a identidade do professor no mundo adverso que vivemos, podemos (re) construir o *CHIP* da seguinte forma:

Conhecimento – É preciso o docente aprender a conhecer, pensar a realidade e não apenas pensar o já dito.

⁹ Falo=Pênis

Humanizar-se – Ou seja, aprender a viver juntos; compreender o outro e assim, administrar conflitos.

Inovar – Trazer novas ideias, desenvolver o pensamento autônomo e crítico, imaginar, ser criativo e tomar iniciativas.

Pesquisar – Ou seja, desenvolver sua competência pessoal, tornando-se uma pessoa apta e aberta para o “novo”.

Do mesmo modo, desconstruído a palavra **MESTRE**, haja vista que há críticas a esse termo, já que no passado o Mestre era visto como um carrasco munido de palmatória, mas que, a sociedade reconhecia sua identidade como educador, é possível reconstruir a palavra **MESTRE** de modo que o docente reconheça sua identidade diante de tanta transformação. O professor, de fato, deve reconhecer-se como um **MESTRE**:

Mediador, numa sociedade de muita informação e conflitos;

Social, na medida em que a escola reflete a sociedade em que está inserida;

Técnico, no sentido que não pode esquecer sua função de docente e contribuir para a construção de conhecimento científico do aluno;

Regional, pois mesmo estando em um mundo globalizado, é preciso regionalizar e situar o aluno para sua realidade local;

Ensinar, a pensar ativamente; a ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber articular o conhecimento com a prática.

Nesse contexto, pode-se propor que o **MESTRE** (Mediador Sócio-Técnico Regional de Ensino) é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o

sujeito da sua própria formação. Mas para isso, ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Fugir da cultura de que o professor só transmite, para a cultura que o professor troca experiências e instiga o aluno a ser ativo no processo de formação.

Faz-se necessário o professor se encontrar na realidade das modificações que a contemporaneidade oferece, para que o mesmo compreenda qual o seu papel diante destas transformações entenda sua identidade e exerça seu papel de docente, que hoje é multifacetado. A partir desta postura de MESTRE apoiado pela educação construída em conjunto, é possível acreditar em uma sociedade mais igualitária, em específico as relações de gênero, que pode e deve ser trabalhada no ambiente escolar.

E, percebendo a real necessidade de se trabalhar com a temática de gênero no âmbito escolar e sua relevância pouco reconhecida; serviu-nos como incentivo a buscar materiais que poderiam contribuir para a composição desta monografia. Deste modo, recorreremos a estudos sociológicos que tratavam das relações sociais, assim como, das representações sociais e configurações, além de debruçar-nos nos estudos de gênero enveredado por Helleieth Saffioti (1987) compondo parte do recurso bibliográfico deste estudo.

Para complementar o levantamento bibliográfico recorreremos aos estudos da educação popular tomando como bússola a ideologia freiriana, assim como, nos direcionamos pelos documentos governamentais quais foram os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs e as Orientações Curriculares Nacionais – OCNs, enfatizando que não nos abstermos de utilizar outras obras que não foram aqui

mencionadas, mas nos auxiliaram positivamente na complementação da pesquisa bibliográfica.

Para composição do estudo exploratório o apoio da comunidade escolar foi de extrema relevância haja vista que a pré-disponibilidade em contribuir foi presente em todas as áreas, deste modo, a observação, o diálogo de aparência informal, a consulta documental e a vivência no campo de estudo, qual seja a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profª Lílisa de Paiva Leite foram essenciais para a análise do estudo de gênero proposto por esta monografia. Destacamos, inclusive, a análise de dados que só foi possível após o levantamento bibliográfico e vivência de campo, além do questionário direcionado para o corpo docente que compõe o quadro funcional ProEMI, de todas as áreas: Ciências Humanas e suas Tecnologias¹⁰, composto por três professores e uma professora; Ciências da Natureza¹¹ e da Matemática, composto por três professores e uma professora e Linguagens e Códigos¹², composto por dois professores e duas professoras.

¹⁰ Ciências Humanas e suas tecnologias: História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

¹¹ Ciências da Natureza: Biologia e Química; incluímos matemática, por esta ser isolada, para uma melhor visualização gráfica.

¹² Linguagem e Códigos: Português; Língua estrangeira, no caso da escola, o Inglês; Artes e Educação Física.

3 ABORDAGEM DE GÊNERO NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO:

As orientações curriculares para o Ensino Médio, desde sua apresentação, esclarecem acerca da importância da atribuída a formação de cidadãos com compromisso ético e ainda cita a escola como condição essencial a inclusão e democratização das oportunidades no Brasil (BRASIL, 2008). Constitui-se em um exímio convite a uma educação de qualidade e a uma sociedade mais igualitária. No entanto, a realidade que grita no cotidiano escolar nos adverte que ainda é preciso avançar para além do registro no papel.

Para delimitar a discussão e adentrar no campo de estudo desta monografia, atentaremos a abordagem de gênero, que é citada nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias como um tema, dentre outros, que pode ser incluído no programa escolar (BRASIL, 2008). A partir da identificação deste enfoque que as OCNs nos aponta, indagamos o porquê de um assunto tão fértil, como a questão de gênero ainda se encontra à margem do ambiente escolar.

Diante desta constatação concordamos com MACHADO *et al*(2010) que declara

(...) para que a escola ocupe um lugar significativo para aqueles que a frequentam e para que tenhamos uma educação que vise à mudança social, será preciso enfrentar discussões, conversas desconfortáveis e, algumas vezes, assustar/desafiar com outras visões de mundo (MACHADO *et al*, 2010, p. 45).

Essa postura nos remonta a questão da democratização explícita na apresentação das Orientações Curriculares, então, mesmo que não destaque a real necessidade de se trabalhar a questão de gênero na escola, deixa-nos subsídios para que esta faça parte do currículo da escola.

É importante compreender o entrave que existe em trabalhar a questão de gênero, afinal há temáticas que já fazem parte do currículo escolar, como violência e globalização, por exemplo, deixando-nos claro que o despertar para tratar o estudo de gênero vai depender do interesse do docente em incluir tal perspectiva no seu planejamento escolar. Entretanto, a resistência de modificar padrões persiste em qualquer ciclo social:

Todavia, não nos apercebemos de que o novo quando surge nem sempre é em função da extinção do antigo: pode ser uma espécie de expansão (no caso que estamos tratando não pode ser esta a razão) ou redimensionamento (conforme entendemos que seja). Isso significa dizer que por um bom tempo, antigas práticas estarão em diálogo (MACHADO *et al*, 2010, p.151).

A partir deste pressuposto, entendemos que a disciplina de Sociologia é um Componente favorável ao estudo da temática de gênero na sala de aula, sobretudo pelo fato de que, em sua essência, está o processo de desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais.

Todavia, delegar a um Componente Curricular a abordagem dos assuntos relacionados às questões de gênero é uma alternativa de cumprir o que a Cúpula do Milênio estabeleceu, no ano de 2000, na qual 189 países, dentre os quais o Brasil, quando firmaram compromisso a serem alcançados até 2015, tendo como um dos objetivos à qualidade de vida. Com isto, a ONU instituiu os anos entre 2005 a 2014 como a Década da Educação, citando entre outras metas, a equidade social e de gênero (BRASIL, 2013a).

Assim, percebemos que no papel há resquícios de um direcionamento voltado a trabalhar gênero no âmbito escolar. No I Plano Nacional de Educação (2001 – 2010), no que tange as habilidades e qualidades esperadas dos docentes, encontramos na VIII posição a inclusão das questões de gênero (DCN, 2013). E ainda, nas Diretrizes Curriculares Nacionais explicitam que na “proposta educativa da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, (...) que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular (DCN, p. 177, 2013)” devem fazer parte do Projeto Político-Pedagógico (PPP). E ainda ressalta que:

(...) a valorização e a promoção dos Direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, (...) bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação (BRASIL, p. 179, 2013a)

Consideramos importante, também, abordar o currículo proposto pelo Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI, pois este encontra-se embasado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Resolução CNE/CEB n.2, de 30 de janeiro de 2012), neste sentido,

o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº. 971, de 09/10/2009, foi criado para provocar o debate sobre o Ensino Médio junto aos Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital fomentando propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível e que atenda às demandas da sociedade contemporânea (BRASIL, 2013, p. 10).

Deste modo, percebemos a *expertise* deste programa na preocupação de atender as necessidades das sociedades contemporâneas, principalmente, quando se trata de indivíduos que estão prestes a enfrentar o mundo competitivo do trabalho. É na juventude que o “magma” da busca do conhecimento está a ponto de

entrar em erupção e é essa explosão de cultura que modifica o *status quo*, dando segmento a uma nova realidade. É no espaço escolar que ocorre o intercruzamento de culturas. Daí a dificuldade de encontrar uma placa tectônica que não sofra trepidação com outra. Pois, faz parte da natureza, é preciso conflitar para se encontrar para quem sabe: estagnar ou criar um espaço novo.

É neste ínterim que o ProEMI redesenha o currículo escolar, agregando macrocampos além das disciplinas regulares, nos quais devem ser desenvolvidos Projetos de Redesenho Escolar – PRC visando a interação direta com os estudantes.

Os macrocampos são definidos pelo documento orientador do Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI como:

(...) um campo de ação pedagógico-curricular no qual se desenvolvem atividades interativas, integradas e integradoras dos conhecimentos e saberes, dos tempos, dos espaços e dos sujeitos envolvidos com a ação educacional. Os macrocampos se constituem, assim, como um eixo a partir do qual se possibilita a integração curricular com vistas ao enfrentamento e à superação da fragmentação e hierarquização dos saberes. Permite, portanto, a articulação entre formas disciplinares e não disciplinares de organização do conhecimento e favorece a diversificação de arranjos curriculares (BRASIL, 2013, p. 15).

Desse modo, o ProEMI tornar-se uma ferramenta a favor da inclusão dos estudos sobre gênero serem inseridos no currículo escolar. Os macrocampos são assim divididos:

Quadro 2 – Macrocampos:

<p style="text-align: center;">ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO</p>	<p style="text-align: center;">INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PESQUISA</p>
<p>As ações deste macrocampo deverão fortalecer os componentes curriculares, tendo como referência os objetivos constantes no Projeto Político Pedagógico, elaborado a partir do diagnóstico realizado pela escola. As atividades propostas, portanto, poderão contemplar um ou mais componentes, tendo em vista o objetivo de aprofundar conhecimentos específicos, seja por necessidade ou interesse, por meio de um planejamento flexível, estabelecendo conteúdos e metodologias diferenciados e contando com maior tempo disponível para professores e estudantes realizarem suas práticas pedagógicas. O macrocampo Acompanhamento Pedagógico poderá contemplar uma ou mais áreas de conhecimento com foco na diversidade de temáticas de interesse geral e de conteúdos.</p>	<p>As ações propostas neste macrocampo deverão propiciar a aproximação com o modo pelo qual a ciência é produzida e socializada. A vivência de práticas de produção de sentido, a experiência com diferentes formas e possibilidades de produção de conhecimento e o contato com as questões de ordem ética, próprias do campo científico, serão capazes de enriquecer e qualificar a experiência formativa dos estudantes. As ações deste macrocampo apoiará, ainda, a integração entre teoria e prática, entre cultura e trabalho, entre ciência e tecnologia, compreendendo a organização e o desenvolvimento de procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa nas quatro áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas.</p>
<p style="text-align: center;">LEITURA E LETRAMENTO</p>	<p style="text-align: center;">LÍNGUA ESTRANGEIRA</p>
<p>As ações propostas neste macrocampo estarão intrinsecamente relacionadas a todas as áreas de conhecimento do currículo (Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática). É fundamental que os estudantes desenvolvam habilidades de leitura, interpretação e produção de textos em diversos gêneros, assim é importante ter foco na criação de estratégias para desenvolvimento da leitura crítica e da organização da escrita em formas mais complexas, ampliando as situações de uso da leitura e da escrita, incluindo estudos científicos e literários, obras e autores locais, nacionais e internacionais.</p>	<p>Para que o aprendizado de uma língua estrangeira represente uma experiência significativa, do ponto de vista educacional é necessário ampliar a compreensão do estudante sobre si mesmo na comunicação com o outro, em outro idioma, vivenciando a experiência com a língua estrangeira e outra cultura; contribuir para a compreensão crítica do seu locus social; expandir a perspectiva dos estudantes sobre a pluralidade, diversidade e multiplicidade presentes na sociedade atual e, contribuir para a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos de forma condizente com as necessidades da sociedade ampliando o foco para a criação.</p>
<p style="text-align: center;">CULTURA CORPORAL</p>	<p style="text-align: center;">PRODUÇÃO E FRUIÇÃO DAS ARTES</p>
<p>As ações dentro deste macrocampo deverão propiciar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento da consciência corporal e do movimento; a compreensão da relação entre o corpo e as emoções e, entre o indivíduo, o outro e o mundo, abordando a importância de atitudes saudáveis e sustentáveis como formas de ampliar a compreensão do sujeito sobre si mesmo e de seu lugar no mundo.</p>	<p>As ações propostas a partir deste macrocampo deverão desenvolver conhecimentos que incorporem práticas de elaboração nas diversas formas de expressão artística, apreciação, análise, fruição, crítica e produção artística nas diversas linguagens (pintura, dança, música, escultura, cinema, teatro, ecotécnicas, contação de história, literatura e outras), ampliando o desenvolvimento do estudante em aspectos relacionados ao senso estético, à relação entre cultura, arte, trabalho, ciências, relações sociais e com o ambiente, articulando estes aos diferentes campos do conhecimento.</p>
<p style="text-align: center;">COMUNICAÇÃO, CULTURA DIGITAL E USO DE MÍDIAS</p>	<p style="text-align: center;">PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL</p>
<p>As ações deverão permitir o desenvolvimento de múltiplas formas de comunicação e processos criativos, proporcionando o domínio dos instrumentos e formas de comunicação, bem como a reflexão sobre o uso críticos das diversas tecnologias nos diferentes espaços de interação social. A partir de processos criativos as atividades deverão envolver vivências em espaços de atuação e interação que ampliem a utilização de métodos, técnicas e dinâmicas, utilizando recursos tecnológicos e compreendendo as novas relações na comunicação, mais democráticas, igualitárias e menos hierarquizadas.</p>	<p>Este macrocampo envolve ações de incentivo à atuação e organização juvenil nos seus processos de desenvolvimento pessoal, social e de vivência política. As atividades deverão utilizar metodologias que oportunizem a ampliação das condições que assegurem a pluralidade e a liberdade de manifestações dos jovens estudantes, apresentando alternativas estruturadas de organização, representação e participação estudantil no contexto escolar e social (Constituir e/ou fortalecer a Com-Vida: Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola; Construir a Agenda 21 na Escola, Grêmios Estudantis, dentre outros).</p>

Fonte: Documento Orientador do Programa de Ensino Médio Inovador – 2013.

Analisando as orientações curriculares do ProEMI, percebemos o campo fértil que este apresenta para se trabalhar as relações de gênero no ambiente escolar, os macrocampos vêm para somar as oportunidades de despertar no corpo discente o senso crítico que é natural do indivíduo e que pulsa nas veias de jovens e adolescentes.

Para tanto, é preciso enxergar o jovem além de um produto da escola. Faz-se necessário conhecer as particularidades e compreender que, assim como você o outro exerce papéis sociais e estes papéis possuem a mesma casca, mas não possuem o mesmo produto. Enfim, compreender que para um bom tempero, a diversidade de sabores é que agrega à comida um gosto especial. Sendo assim, é preciso utilizar desta diversidade de identidade e desmistificar a ideia de trazer o produto pronto, afinal, não existe fórmula milagrosa. O melhor meio para gerenciar as disparidades é o construir juntos, sair um pouco das tabulações de pesquisa e levantamentos de dados e interagir, enviesar-se entre a juventude e a essência da educação e assim, conjugar-se com a escola.

4 O ENSINO MÉDIO INOVADOR: UMA ESCOLA MAIS MODERNA, ACOLHEDORA E CRIATIVA?

Para buscar resposta a esta pergunta optamos em analisar os pontos que o “I” de Inovador pode agregar e as direções que este proporciona para se chegar a uma escola mais adequada, no sentido de atender as necessidades atuais da nossa sociedade, em especial, ao nosso campo de estudo que abarca a respeito às relações de gênero.

Neste sentido, é primordial que a escola trabalhe o “I” da Ideologia, no que tange a quebra de paradigma referente ao poder existente nas relações sociais entre homem – mulher, conforme é exposto pela sociedade que “o macho é provedor das necessidades da família (SAFFIOTI, 1987, p.24), e com isto, “a ideologia dominante impõem ao homem a necessidade de ter êxito econômico” (Ibidem, p. 24)”. Sendo assim, bebendo da fonte de Saffioti percebemos que esta falácia a respeito do poderio existente no falo¹³ do macho não beneficia ao próprio homem.

A partir das atividades didático-pedagógicas, a escola dar subsídios para que o discente construa suas próprias ideologias a respeito do estudo de gênero, de modo a adquirir elementos que sirvam como base para se trabalhar o próximo “I”, representando o I da Imparcialidade. Ser imparcial diante dos conflitos que permeiam o meio social em que vivemos é essencial para que se evite a dicotomia de um grupo superior *versus* um grupo inferior. Destacando que “a inferioridade social da mulher concerne aos preconceitos milenares, transmitidos através da educação, formal e informal, às gerações mais jovens” (SAFFIOTI, 1987, p. 28).

¹³ Falo = Pênis, ou seja, o poder do macho. (SAFFIOTI, 1987, p. 19).

Sendo assim, acreditamos que a neutralidade do docente diante dos impasses que são reflexos da sociedade pode contribuir para que o ciclo da suposta supremacia masculina perca sua vitalidade.

Com isto, podemos entender que a essência de uma escola com perspectiva de um modelo mais moderno, precisa romper preconceitos enraizados nas relações sociais, buscando um novo olhar para a diversidade de gênero, inclusive, com as novas vertentes de gênero, além das do homem – macho e mulher – fêmea.

Assim, chegamos ao “I” de inclusivo, pois apesar de todo avanço acerca das relações de gênero, ainda persiste a raiz da supremacia do macho sobre a fêmea, ao invés de ser uma imposição social. E concordando com Durkheim (1955):

É inútil pensarmos que podemos criar os nossos filhos como queremos. Há costumes com os quais temos que nos conformar; se os infringirmos, eles vingam-se em nossos filhos. Estes, uma vez adultos, não se encontrarão em condições de viver no meio dos seus contemporâneos, com os quais não estão em harmonia. Quer tenham sido criados com idéias muito arcaicas ou muito prematuras, não importa; tanto num caso como noutro, não são do seu tempo e, por conseguinte, não estão em condições de vida normal. Há, pois, em cada momento do tempo, um tipo regulador de educação de que não podemos desligar sem chocar com as vivas resistências que reprimem as veleidades das dissidências (DURKHEIM, 1955, p. 47)

Com esta citação percebemos que a escassez de estudo voltada as relações de gênero pode dá-se pelo protecionismo familiar, entretanto, a partir do momento que os olhos são fechados ao óbvio, os resquícios discriminatórios existentes desde a fundação da sociedade patriarcal resiste ao tempo e a história e sua essência seletiva representada pelo poder do macho sobre a fêmea permanecerá em uma linha contínua; acarretando com a falácia da inferioridade da mulher e conseqüentemente, com sua exclusão na teia social, restando-lhe o aconchego recluso de seu lar.

Mas, na prática docente com vista à contribuição de desenvolver o alunado para a nova realidade social deve-se mostrar que todas as sociedades apresentam

(...) oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. (...) Pode depender de suas escolhas que a resolução completa das tensões existentes ocorra na geração atual ou somente na seguinte. (...) São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencandeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel (ELIAS, 1994, p. 48).

E é nesta escolha que encontramos o *locus* para repercussão e transformação das relações de gênero na sociedade atual e a escola exerce papel primordial para esta quebra de paradigma e inserção do discurso de gênero no âmbito escolar, de modo a promover a inclusão social de homem, mulher e sua pluralidade de modo igualitário, inclusive, o “I” de igualdade é o próximo a discorrer dentro da proposta de Inovação do Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI.

O caderno de n. 04, lançado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD em maio de 2007, intitulado por Gênero e Diversidade Sexual na Escola, identificamos o seguinte argumento: reconhecer diferenças e superar preconceitos tinha como objetivo geral a capacitação de profissionais da educação para promoção à cidadania, assim como “o respeito à diversidade sexual, o enfrentamento da homofobia no ambiente escolar e prevenir a violência e a discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais (LGBT)” (MEC, 2007, p. 43).

A justificativa para tal iniciativa deu-se pela emancipação da diversidade de gênero e na perspectiva de uma sociedade mais democrática e pluralista, enfatizando que “o problema reside no modo negativo como se lida com elas, culpando-as, discriminando e excluindo seus sujeitos do campo dos direitos, inclusive do direito à educação” (MEC, 2007, p. 44). Deixando-nos evidentes a preocupação de tornar o convívio social mais igualitário, através do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero e da promoção à equidade social; reafirmando o que já havia sido proposto no artigo 5º da Constituição Brasileira onde afirma a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (BRASIL, 1988).

Entretanto, é de relevância destacar que esta igualdade dá-se pelo fato de todos sermos cidadãos munidos de direitos e deveres, temos direito à igualdade, mas o dever de respeitar as diferenças, parecendo ambígua tal afirmativa, mas a individualidade é retrato da Identidade pessoal, próximo “I” que discorreremos a seguir.

Quando falamos em identidade, concordando com Candau, consideramos sua definição exata, complicada.

No caso da identidade, a tentativa de depuração conceitual é mais difícil. No que se refere ao indivíduo, identidade pode ser um *estado* – resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço, etc. -, uma *representação* – eu tenho uma ideia de quem sou – e um *conceito*, o de identidade individual, muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais (CANDAU, 2011, p. 25)

É neste achado da identidade individual apresentada por Candau (2011) que vamos estudar a importância de se trabalhar no ambiente escolar as relações de gênero, na tentativa de quebrar o paradigma de que a sociedade permanece estagnada, afinal,

(...) o mundo moderno produz traços e imagens a um nível jamais visto na história das sociedades humanas, estando em parte submisso às “ideologias de segurança” da história e da memória que conduzem a tudo conservar, tudo armazenar, musealizar a totalidade do mundo conhecido e, por outro lado, continuando a produzir mais informações e mensagens (CANDAUI, 2011, p. 113).

A partir deste pressuposto, podemos delinear a dificuldade de se trabalhar com esta temática na escola, pois esta representa uma ruptura com o passado, mesmo que este passado não esteja, mais, com o vigor de outrora, relembrando as sociedades patriarcais descritas por Gilberto Freyre. A essência do poderio paterno permanece enraizada em nossa sociedade, fruto de nossa cultura. Desse modo, diante destes entraves:

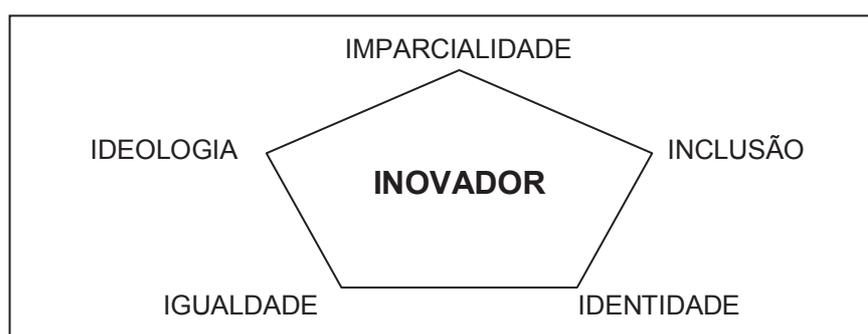
(...) muitas mulheres esbarram com os interesses da classe social à qual pertencem ou com o medo de receberem o carimbo de “mal-amadas”, “solteironas”, “lésbicas”, frequentemente utilizados por aqueles com interesses na manutenção do *status quo*, isto é, da situação vigente (SAFFIOTI, 1987, p. 87).

Entretanto, não se pode negar que a sociedade atual urge por mudanças e é, diante desta necessidade, que falamos na identidade de gênero, que nos remete ao sentimento individual de identidade. Em outras palavras, é o “gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 24).

Será, então, a partir destas diretrizes apresentadas que, ao invés de pontuar o “I”, optamos em apontar os “IS”: da Ideologia, da Imparcialidade, da Inclusão, da Igualdade e o da Identidade, para assim chegar ao “I” de Inovador, isto porque, na sociedade atual e conectada em que vivemos, dificilmente, encontraremos algo de novo, inclusive, Heráclito, filósofo grego pré-socrático já nos

dizia que “no mundo tudo flui, tudo se transforma, pois a essência da vida é a mutabilidade; e não a permanência”. A seguir, ilustramos um quadro que resume a multiplicidade de Is que identificamos:

Quadro 3: Representação do I do Inovador



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2014.

A ideia de reportar ao pensamento de Heráclito, não foi por acaso, afinal, a relação paralela do passado e presente nos traz interrogações no propósito de gerenciar conflitos e criar um clima harmônico no meio social, mas nem sempre o que dá certo no passado, necessariamente, vai dá certo no presente ou futuro. O sucesso de ontem, não vai garantir o sucesso de amanhã.

A educação vive em constante conflito, pois à medida que a sociedade vive em transformações, cada vez mais em um ritmo acelerado, onde as disparidades tornam-se mais evidentes, a partir do momento que as diferenças sociais, culturais, entre outras, tornam-se mais explícitas. Este binômio passado e presente é ferramenta para que a educação, desde a sua fundação, trilhe um caminho que, no mínimo, minimize as distorções, haja vista que a solução para tais diversidades impliquem poderes maiores.

E acreditando que o ProEMI pode ser um instrumento que preencherá estas distorções, podendo ainda fundamentar-nos na alteridade, percebendo que o “outro” é diferente, mas é nele que me vejo. Para que assim, percebamos que a diversidade “consiste no ato reflexivo e profícuo de se compreender a diferença, afinal, o encontro de práticas culturais plurais gera ressignificações, sem, contudo, transpor-se para o campo da discriminação”. (MOLAR, 2012, p. 37). Isto porque é no âmbito educacional que essas diferenciações se sobressaem com mais evidência, sendo um dos papéis da comunidade escolar acionar a função de mediadora de conflitos e produtora de conhecimentos.

Deste modo, retomando ao pensamento de Heráclito, assim como tudo flui, tudo se transforma, a educação também está sempre em mudança e essas molas propulsoras responsáveis para essa transformação o corpo docente pode encontrar subsídios junto ao Programa do Ensino Médio Inovador, ressaltando que não basta apenas transmitir conhecimento, é preciso também, gerenciar os conhecimentos mútuos que existem na comunidade escolar e possuir a percepção embasado na alteridade, se não existe a receita eficaz, esta pode ser relevante para a garantia de uma educação mais igualitária e de qualidade.

Sendo assim, o Ensino Médio inovador pode sim, ser moderno no sentido de trazer à tona resquício do passado no intuito de transformá-lo. Acolhedor a partir do momento que abraçar as causas das distinções de gênero e lutar pela sua ruptura. E, criativo, ao trazer a temática de modo reflexivo, contradizendo o modo agressivo que sempre foi apresentado à/pela sociedade.

5 A ABORDAGEM DE GÊNERO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA LILIOSA DE PAIVA LEITE:

Como já explicitamos anteriormente, escolhemos a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Liliosa de Paiva Leite, pois esta possui em seu currículo escolar o modelo de ensino integral ProEMI desde 2012 e tem mostrado resultados satisfatórios dentro da comunidade escolar e na comunidade local em que a escola está inserida¹⁴.

Optamos em focar a abordagem de gênero com o corpo docente na perspectiva de identificar caminhos e/ou criar subsídios para futuros trabalhos voltados para o estudo de gênero no ambiente escolar, sabendo que, mesmo numa estrutura de gestão escolar democrática, postura esta defendida pela direção da escola pesquisada, o interesse do professor em traçar esta linha de estudo é primordial.

Como já citado no capítulo 2, o recurso metodológico utilizado, além da vivência de campo, foi o questionário direcionado para o corpo docente que compõe o quadro funcional ProEMI, de todas as áreas: Ciências Humanas e suas Tecnologias¹⁵, composto por três professores e uma professora; Ciências da Natureza¹⁶ e da Matemática, composto por três professores e uma professora e Linguagens e Códigos¹⁷, composto por dois professores e duas professoras.

¹⁴ Além disso, a vivência escolar do professor-pesquisador pertencente ao quadro da escola citada, orientado pela Prof^a.Dr^a. Verônica Pessoa, contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

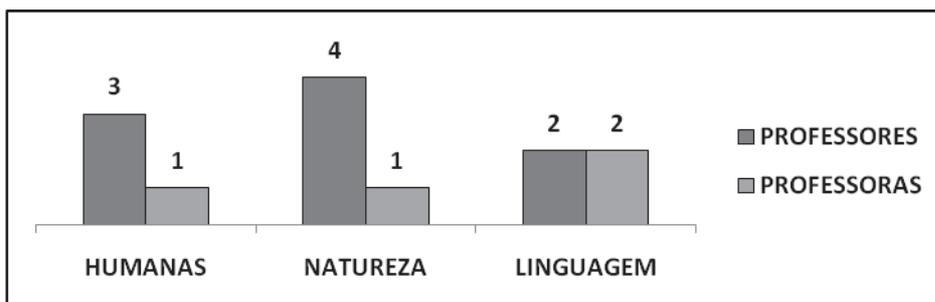
¹⁵ Ciências Humanas e suas tecnologias: História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

¹⁶ Ciências da Natureza: Biologia e Química; incluímos matemática, por esta ser isolada, para uma melhor visualização gráfica.

¹⁷ Linguagem e Códigos: Português; Língua estrangeira, no caso da escola, o Inglês; Artes e Educação Física.

Elaboramos um gráfico para melhor visualização do quadro funcional dos professores divididos por área:

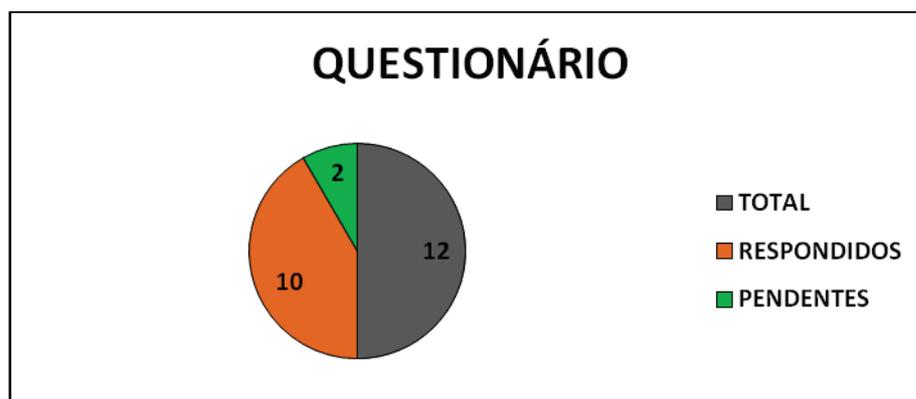
Quadro 4 – Quadro Funcional dos professores por área.



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2014.

A receptividade dos docentes na abordagem com relação ao questionário foi positiva, cujo interesse foi demonstrado, sobretudo em contribuir com o trabalho. No entanto, a devolução dos questionários¹⁸ respondidos não teve a adesão total, conforme nos mostra o gráfico abaixo que elaboramos:

Gráfico 1 – Acompanhamento dos questionários aplicado com os docentes.



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2014.

¹⁸ Optamos pelo questionário, pois este deixa o entrevistado mais a vontade, além de não perder seu valor qualitativo, diferentemente da entrevista oral, que inibe até certo ponto o entrevistado.

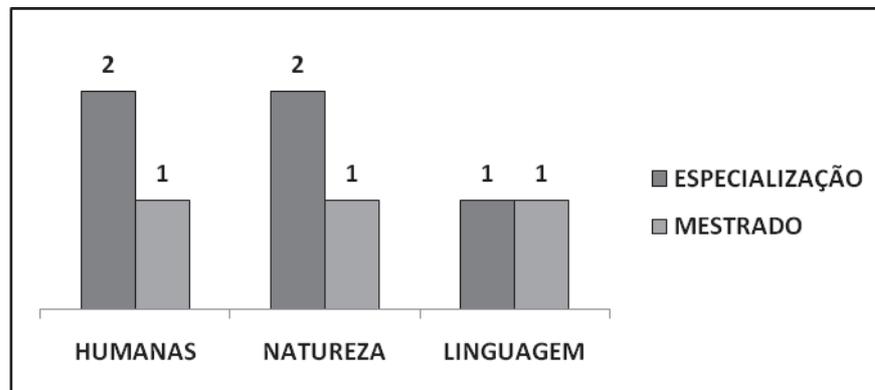
Uma das hipóteses para não entrega da totalidade dos questionários por parte do corpo docente, nosso alvo desta pesquisa, deve-se a reforma que a escola enfrenta desde o mês de setembro de 2013, cujo fato modificou os horários das aulas, dificultando o relacionamento interpessoal entre os mesmos, encontrando-se apenas em reuniões semanais, realizadas todas as sextas-feiras. Este fato foi o principal motivo, justificado pelos professores para a não-devolução, alegando ainda esquecimento por parte dos mesmos.

Outra reflexão que podemos fazer e que consideramos mais pertinente se refere a pouca atenção dada à temática do estudo de gênero, acentuando ainda mais a importância deste estudo exploratório. Engendrar projetos que promovam a reflexão a respeito das relações de gênero é a essência que este estudo apresenta. E foi com este olhar que analisamos os questionários preenchidos e devolvidos pelos professores e professoras da escola investigada.

5.1 Análise do Questionário:

O primeiro item que utilizamos no questionário, além da identificação do entrevistado, junto com sua respectiva disciplina, foi à identificação da formação dos professores, conforme o gráfico abaixo que desenvolvemos, dividido por áreas:

Gráfico 2 – Amostragem dos docentes com Especialização e/ou Mestrado



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2014.

Deste modo, podemos entender que o quadro docente possui uma equipe qualificada para a execução de um bom trabalho na instituição, haja vista que mais da metade dos professores aperfeiçoaram seus conhecimentos acadêmicos em nível de Especialização e/ou Mestrado. Consideramos importante fazer essa identificação para utilizarmos a *posteriori* na análise específica do tema desta monografia.

Para compor o corpo do questionário específico para a discussão deste estudo exploratório, elegemos cinco perguntas abertas, a partir das quais indagamos a respeito do Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI e as relações de gênero no ambiente escolar, como especificaremos a seguir junto a nossa avaliação, ressaltando que utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos professores e professoras entrevistados(as):

- Ao solicitarmos a opinião do corpo docente em relação ao Proemi, 80% consideram positiva a iniciativa do governo em adotar este programa. No relato dos professores que apóiam o programa o professor Antônio se posicionou afirmando que: “vejo o ProEMI como uma tentativa dos governos

para uma melhoria do ensino escolar.” Com relação aos os demais professores que vêem de modo positivo o programa, o discurso não é diferente deste, no entanto alguns complementam a narrativa com as dificuldades que o programa apresenta, concordando com os 20% que vêem negativamente a proposta do programa. Entretanto, nos próprios relatos os mesmos apontam caminhos para a busca de uma melhor aceitação, conforme o desabafo da Professora Ana: “(...) deveria ter havido uma maior preparação antes de ser implantado. Seria necessário consultar os envolvidos; (...) faltou planejamento antes da implantação, por isso ele virou um programa de maior rejeição(...).” Entendemos a partir deste relato e de outros cuja essência não se diferencia deste, que houve uma precipitação para a adoção do programa sem um prévio esclarecimento. Mesmo tendo ciência da existência do Projeto de Lei que cria o novo PNE (Plano Nacional da Educação), estabelecendo 20 metas a serem alcançadas entre 2011 a 2020, especificamente em relação ao Ensino Médio temos: III – Oferecer educação em tempo integral em 50% das escolas públicas de Educação Básica (BRASIL, 2010, p.150). Acreditamos que esta causa teria sido melhor compreendida se houvesse, de fato, uma atuação conjunta, na qual dar-se-ia o conhecimento e o planejamento do programa, com garantias de sua melhor efetivação.

- A outra questão que consideramos pertinente incluir no questionário interrogou aos docentes sobre o olhar que os mesmos possuem com respeito a temática das relações de gênero. Baseamo-nos nesta pergunta em Norbert Elias e sua reflexão a respeito de sociedade:

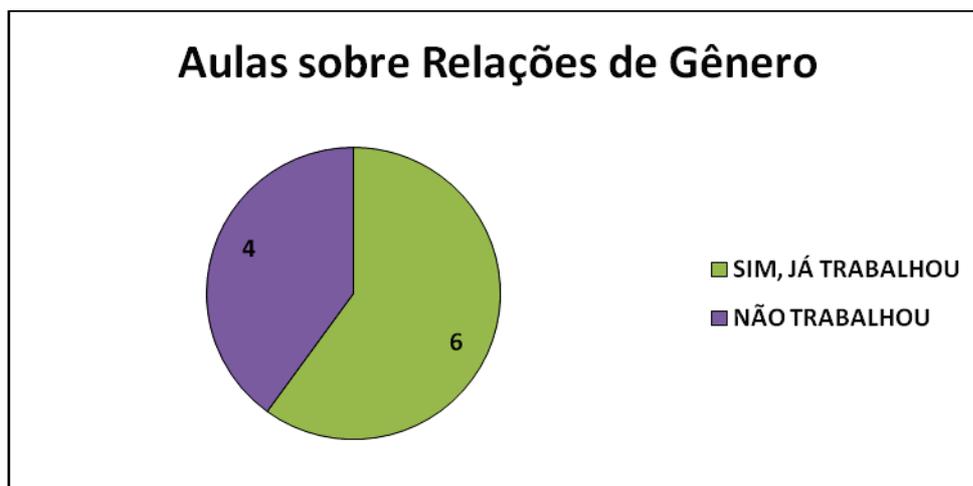
(...) em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. Pode depender de suas escolhas que a resolução completa das tensões existentes ocorra na geração atual ou somente na seguinte. Delas pode depender a determinação de qual das pessoas ou grupos em confronto, dentro de um sistema particular de tensões, se tornará o executor das transformações para as quais as tensões estão impelindo, e de que lado e em que lugar se localizarão os centros das novas formas de integração rumo às quais se deslocam as mais antigas, em virtude, sempre, de suas tensões. Mas as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel (ELIAS, 1997, p. 48).

- Sendo assim, observa-se que o autor se refere a uma noção ampla para onde convergem vários feixes conceituais, várias referências sobre o passado, que podem ora estar em sincronia, ora em disputa. Deste modo, percebemos que ainda permanece arraigado no corpo docente o *status quo*, o valor cultural ainda é um empecilho para a quebra de paradigma, um dos entrevistados, o Professor João, deixa-nos claro a respeito desta afirmativa: *“O homem é reflexo dos valores que absorve no seu processo de tomada de consciência e símbolo que o identifica na formação da personalidade, portanto, aceitar o ser como elemento único e seus conceitos e opções de vivência é uma parte da democracia do homem, do rompimento do egocentrismo (...)”*. Utilizando-se de sua fala, percebemos que o “egocentrismo” está bem presente, a partir do momento que generaliza a relação de gênero ao homem e trata a diversidade de gênero como “opções de vivência”, quando na verdade trata-se de identidade de

gênero. Entretanto, percebemos olhares positivos a respeito das relações de gênero, ainda tímidos, mas veementes conforme nos disse a Professora Marta: *“saber relacionar-se com os seus pares, independente de gênero, é fundamental para o equilíbrio de uma sociedade adulta sem preconceitos”*. E ainda, de outro entrevistado, o Professor Pedro: *“quando as pessoas falam de gênero, em regra, pensam na relação homem e mulher. Não se deve fazer isso. A categoria de gênero é plural(...)”* Percebe-se um discurso mais contemporâneo, que foge da dicotomia homem – mulher e preocupado com o preconceito que persiste na sociedade, mas consolidando o resultado de nossa pesquisa, 60% possuem um olhar mais esclarecido a respeito das relações de gênero, podendo assim, considerar positivo este resultado, apesar de ainda existir uma resistência dos demais 40%.

- Outra pergunta que consideramos pertinente incluir no questionário foi voltada a prática de aulas voltadas ao estudo de gênero, no qual obtivemos um resultado significativo, conforme mostra o gráfico abaixo que elaboramos representando as respostas dos entrevistados:

Gráfico 3 – Aulas sobre relações de gênero.



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2014.

- Estes 60% que representam os professores e professoras que já planejaram e ministraram aulas a respeito das relações de gênero nos confirma a importância da pré-disponibilidade do docente em abordar esta temática, pois identificamos professores de diversas áreas que se propuseram a compartilhar este estudo com os alunos e alunas. O assunto foi abordado nas áreas de Ciências Humanas e suas tecnologias, Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos, sendo que, destes, 50% foi representado pela área de Ciências da Natureza, contradizendo nossas expectativas, pois acreditávamos que a área de Ciências Humanas se sobressairia numericamente. Entretanto, esta ocupou a casa dos 10% e a área de Linguagens e Códigos ficou com 40%. Este resultado só veio a confirmar que a função do docente para a execução de um trabalho voltado para o estudo das relações de gênero é primordial. E mesmo, com este resultado, ainda acreditamos que a área de Ciências Humanas e suas tecnologias, em específico a Sociologia, seria a disciplina mais adequada ao estudo das relações de gênero, pois esta tem como objeto de estudo os fatos sociais; as

transformações das relações sociais; a representação e os papéis sociais e possui, em sua essência, o estranhamento ao natural, ao que nos é dado como parte do todo, todo este incontestável como uma verdade, uma verdade que não é minha, mas que é adotada como se fosse. Inclusive, podemos supor que o tímido resultado está arraigado nesta verdade “inatingível” que persiste em perseguir no ciclo social em que vivemos.

- Ao perguntarmos se há uma preocupação da escola em respeitar todas as formas de relação de gênero houve um consenso positivo, conforme este depoimento da Professora Rita: “(...) *acredito que respeita, mas isso não fica evidenciado.*” No entanto, consideramos importante esclarecer que a escola é formada por gestores, docentes, áreas de apoio, alunos e alunas, além dos pais dos alunos, neste caso, professores e professoras no exercício de sua função é parte integrante da escola, sendo assim, entendemos que a afirmativa da professora em questão, demonstra uma aceitação tímida, não comprometida, de fato, com os percalços e entraves que permeiam nas relações de gênero. Uma outra afirmativa, o da Professora Dolores, nos diz que respeita sim! “(...) *orientando quando necessário ou quando requisitado.*” Percebemos que a alteridade, o preocupar-se com o outro, o sentir na pele inexistente nesta postura. Insensibilidade? Não. Podemos supor que tal postura demonstra desconhecimento a respeito do tema e sua postura etnocêntrica, quando se põe a disposição ao ser requisitada nos afirma isto, entendendo que o etnocentrismo põe o indivíduo como centro, como um “*tipo ideal*” (pedindo emprestado o termo utilizado por Max Weber). Sendo assim, entendemos que a normalidade está em suas atitudes, servindo-se como

referência e ao ser requisitada estará a disposição para ajudar a ser tal qual a mesma. Do total dos entrevistados e entrevistadas, apenas 30% mostrou uma postura mais esclarecida a respeito das relações de gênero, retratando o que de fato acreditamos existir: um desconhecimento das entrelinhas que permeiam nas relações de gênero, em especial, a pluralidade das relações de gênero. Resignificando um termo utilizado nos meios de comunicação e copiado pela sociedade é preciso “sair do armário¹⁹”. Nós precisamos sair do armário, da nossa zona de conforto e entender que o mundo não se resume a um armário, ao meu armário, mas há uma infinidade de armários que interagem entre si, dando novas formas de relações sociais.

- A última pergunta que fizemos aos professores e professoras tratou em saber se antes da implantação do ProEMI havia algum trabalho voltado para o estudo de gênero. Dos dez que devolveram o questionário, apenas três pertenciam a escola antes da instalação do programa e, destes, apenas uma professora afirmou ter trabalhado a relação de gênero antes do ProEMI, segundo seu relato trabalhou-se a questão da violência contra a mulher. Consideramos destacar que a relação de gênero não está relacionada, apenas, a dicotomia homem – mulher, mas incluem também sua pluralidade, conforme a sigla da LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros). Não pretendemos aqui desmerecer o trabalho realizado pela professora citada, mas sim, enriquecer a discussão sobre a temática. Até porque, foi bem pertinente o tema trabalhado pela docente, no qual incluía a questão da violência contra a mulher. Violência esta que também praticamos

¹⁹ Sair do armário é quando o indivíduo do sexo masculino assume sua identidade de gênero, no qual seu par possui o mesmo sexo biológico deste, concretizando assim, em uma relação homo afetiva.

ao desconhecer a pluralidade existente nas relações de gênero; uma violência tal qual a guerra fria, uma guerra não-declarada, mas que é sentida na pele de quem sofre.

- Consideramos positivo os professores novatos no quadro funcional da escola, haja vista que 70% possuem menos de dois anos na instituição pesquisada, pois como o ProEMI também está iniciando, juntos, poderão desbravar e trilhar caminhos de conquistas. Concordando deste modo, com os pilares estruturados por Delors (1998), especificamente o aprender a conhecer e o aprender a fazer, precisamos ser eternos aprendizes, ter abertura ao novo, a fim de evitarmos injustiças por desconhecimento e/ou preconceito. O ato de conhecer nos ajudará na ruptura do pré-conceito e o fazer na quebra de paradigma, se por *habitus*, tendemos a repetir o outro, cercando-nos em um ciclo social; aprendendo a fazer o novo, a tendência é quebrar o ciclo e enveredar por várias teias sociais, que por si só não se sustenta, mas em conjunto, tecem a estrutura da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante a coleta de informações e construção deste estudo exploratório na perspectiva de identificar a contribuição da proposta do PROEMI para a construção de práticas educativas pautadas em relações de equidade de gênero, foi perceptível que, apesar do discurso de ideias pertinentes, inovadoras e possuidoras de uma visão inclusiva e desprovida de preconceito, na prática, pouco foi apresentado ou, pelo menos, de significativo, no que tange a proposta de um trabalho constante, relacionado ao estudo de gênero.

As concepções que fundamentam a Proposta do Ensino Médio Inovador quanto às questões de gênero estão evidentes nos documentos oficiais estudados, faltando evidenciar uma maior atenção no trato das relações de gênero no ambiente escolar, sobretudo na Escola Estadual Professora Lílissa de Paiva Leite, nosso campo de pesquisa. Esta constatação está embasada no reconhecimento de que, embora tenhamos constatado a existência de trabalhos apresentados e implantados na escola, ainda falta um despertar para ações mais concretas, necessitando de uma abordagem mais clara e diretiva sobre as relações sociais ativamente. Haja vista que a contribuição do Programa do Ensino Médio Inovador para a construção de abordagens que favoreçam a equidade de gênero caminha a passos lentos, não evidenciando uma mudança de postura da comunidade escolar significativa ao tratar das relações de gênero no cotidiano da escola.

Entretanto, percebemos que o ProEMI é uma excelente ferramenta para o enfrentamento da homofobia no contexto da educação pública, em específico a realidade social paraibana, sítio geográfico da escola estudada. Para tanto, faz-se

necessário uma mudança de postura por parte de todos que compõem a comunidade escolar; é preciso sair da concha!

Consideremos uma concha marítima para explicar a respeito do estudo de gênero e refletirmos sobre o momento vivenciado durante a elaboração deste estudo. A concha por si só, representa apenas um produto que a natureza nos oferece. Ela fechada, resume-se em um invólucro calcário que reveste os moluscos. Quando aberta ao mar corre o risco de ser jogada à margem do litoral, ou ficar submersa. Entretanto, esta mesma concha se extraída do seu ambiente natural pode transformar e/ou constituir em novas utilidades, como em alimentos, haja vista que em seu interior possui um molusco muito apreciado na culinária, como o marisco, por exemplo; e também, como produtos artesanais, já que as conchas possuem uma beleza indiscutível e formatos particulares.

Para agregar estas novas utilidades, é preciso haver um trabalho externo, a começar pela extração do produto do seu ambiente natural; em seguida pela mão-de-obra de um(a) profissional, seja pelas mãos de uma cozinheiro ou cozinheira, seja pela mão de um artesão ou artesã, dependendo do segmento que se quer trabalhar. Adicionando-se neste processo, novos elementos que trará valorização ao produto.

Da mesma forma, acontece com a situação presenciada na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Lílisa de Paiva Leite, apesar de existir trabalhos voltados ao estudo das relações de gênero, pela pouca ênfase que lhe é prestada podemos dizer que este tema ainda permanece no interior da concha. O risco que se corre é que, se a concha for aberta de modo descomprometido com a causa das relações de gênero e mediante seus impasses, correremos o risco de ficarmos submersos ou à margem do mar. Em outras palavras, as perspectivas

podem ficar apenas em mais uma pauta do planejamento de uma aula, solto, sem uma base que possa sustentar, fazendo com que o tema não ultrapasse os muros da escola, quiçá chegar a uma prática inclusiva no meio social.

É preciso mão-de-obra profissional para agregar valor à concha. A comunidade escolar precisa empenhar-se para transformar esta concha, seja em um prato da culinária ou artesanato regional. O corpo docente deve buscar elementos que complementem e agreguem um bom resultado e a instrução e “o aprender a ser” e “o aprender a viver juntos”, pilares propostos por Delors são imprescindíveis para atingir este patamar.

Identificamos que antes do ProEMI já havia trabalhos voltados ao estudo de gênero, entretanto, estéreis no sentido de mudança de comportamento, após a implantação do programa houve um aumento significativo de propostas pedagógicas com temáticas as relações de gênero, porém tímido, pouco destacado, não fugindo a realidade de outrora.

Portanto, todo trabalho não é por acaso, o que não pode ocorrer é manter-se inerte aos problemas que nos rodeiam, mantendo-se isolado, junto com seus ideais, como uma concha. É preciso buscar elementos que contribuam para a valorização de uma causa, neste caso, o estudo voltado à relação de gênero e lutar para que a onda do desestímulo, da impotência, não nos afogue.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. V.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013a.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. *Programa Ensino Médio Inovador – Programa Orientador*. Brasília: Ministério da Educação, 2013b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias. Sociologia*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

BRASIL. Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Média e Tecnológica*. PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Sociologia. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DELORS, Jacques; et al. *Educação: Um tesouro a descobrir*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DURKHEIN, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Nacional, 1965.

_____. *Educação e Sociologia*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FREIRE, Paulo (1969). *Extensão ou comunicação?* 10. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução Ruy Junngmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Organizadores). *Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: Eduepb, 2010.

MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Caderno 4. Brasília: 2007.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. *Alteridade: uma noção em construção*. 1 Coletânea de Textos Didáticos. João Pessoa: SEE/PB, Gráfica União, 2012.

SAFFIOTI, Helleieth I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. *O Poder do Macho*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Diferença e Identidade: o currículo multiculturalista*. 1 Coletânea de Textos Didáticos. João Pessoa: SEE/PB, Gráfica União, 2012.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Educação popular: metamorfose e veredas*. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICES

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
2. Modelo do Questionário Aplicado na pesquisa de Campo.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA LILIOSA DE PAIVA LEITE	
PROFESSOR(A):	MATRÍCULA:
Tempo de Magistério: _____	Disciplina: _____
Possui Especialização? () Sim () Não Qual? _____	
Possui Mestrado? () Sim () Não Qual? _____	
Quais atividades que você prefere para trabalhar na escola? (Pode marcar mais de uma) () Música () Dança () Pintura () Teatro () Artesanato () Esporte: _____	
Qual sua opinião em relação ao ProEMI?	
Qual seu olhar a respeito das relações de gênero?	
Já trabalhou relação de gênero na sala de aula? Se sim, como? Se não, por quê?	
Você percebe a escola preocupada em respeitar todas as relações de gênero? De que forma?	
Antes do ProEMI, se você já fazia parte do quadro desta escola, teve algum trabalho voltado ao estudo de gênero? Se sim, como foi?	

